Notas sobre o futebol entre as mulheres
Karo Arara

Fabrício Gurkewicz Ferreira

Doutorando em Educação Física pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO). Graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professor de Educação Física do IFRO, Campus Ji-Paraná. Membro do Núcleo de Estudos do Corpo e Natureza (NECON-UnB) e do Grupo de Estudos em Temáticas Étnicas na Amazônia (GETEA-IFRO). Desenvolve pesquisas nas seguintes áreas: Práticas Corporais em Comunidades Tradicionais (Povos Ameríndios) e Educação Física Escolar.

Email: fabricio.gurkewicz@ifro.edu.br

Dulce Maria Filgueira de Almeida

Pós-doutora pela Universidade de Estrasburgo/França, pela Universidade de Maryland/EUA (Bolsa do CNPq) e pela Universidade de Salamanca/ES. Doutora em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB) (Bolsa do CNPq). Mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) (Bolsa CNPq). Bacharel em Sociologia e Direito pela UFPB. Professora Titular da UnB, atuando na Faculdade de Educação Física, na graduação e pós-graduação. Presidente do Research Committee 54 "The body in the Social Sciences" da Associação Internacional de Sociologia (ISA). Ex-vice-presidente do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Ex-coordenadora do GTT Corpo e Cultura do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte e líder do Núcleo de Estudos do Corpo e Natureza - Grupo de pesquisa certificado pelo CNPq. Membro do Núcleo da Rede Cedes do Distrito Federal. Desenvolve pesquisas nas áreas: sociologia do corpo, direitos humanitários e políticas públicas. Coordenou projetos de pesquisa junto à FINEP e à FAPDF.

Email: dulce.filgueira@gmail.com

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir o envolvimento das mulheres do povo Karo Arara com o futebol. Para tanto, entramos em contato com a sua realidade por meio de uma etnografia multissituada, em que acompanhamos a sua prática futebolística em diferentes tempos e espaços. A partir de observações e entrevistas foi possível verificar que, apesar de passarem a jogar mais ao longo dos anos, ainda encontram mais dificuldades em comparação aos homens. Responsabilidades familiares e condutas machistas dos homens estão entre os principais motivos. Dessa forma, as mulheres Karo Arara continuam a lutar para ter mais equidade nas condições de prática, inclusive assumindo o papel de liderança.

Palavras-chave: mulheres; Karo Arara; futebol.

Notes on soccer among women Karo Arara

Abstract

The aim of this article is to discuss the involvement of women from the Karo Arara people with soccer. To this end, we came into contact with their reality through a multi-sited ethnography, in which we followed their soccer practice in different times and spaces. From observations and interviews, it was possible to see that, although they have started to play more over the years, they still find it more difficult than men. Family responsibilities and men's macho behavior are among the main reasons. As a result, the Karo Arara women continue to fight for a more level playing field, including taking on a leadership role.

Keywords: women; Karo Arara; soccer.

Introdução

As oportunidades voltadas para a prática corporal esportiva para homens e mulheres são desiguais não somente entre as populações indígenas, mas em diversos contextos históricos e socioculturais. E isso ocorre desde a sua origem. Embora o esporte, enquanto fenômeno moderno, date de meados do século XIX, a inserção e a conquista de espaço por parte das mulheres só se tornaram possíveis a partir das primeiras décadas do século XX.

Essa conquista passa pela participação nos Jogos Olímpicos Modernos, a qual, não obstante ser permeada por obstáculos, revelou a possibilidade de a mulher assumir o papel de atleta. A presença delas no evento como participantes só se tornou possível a partir da segunda edição, mesmo que tenha havido protestos de alguns de seus idealizadores, como o barão Pierre de Coubertin, que defendiam a presença delas apenas como expectadoras (Goellner, 2005).

A tentativa de impedir a participação das mulheres estava calcada na ideia de que elementos presentes no cenário esportivo, tais como o esforço físico, as emoções fortes, a espetacularização dos gestos corporais, a seminudez, dentre outros, colocaria em risco a imagem de feminilidade atribuída a elas. Além disso, por se conceber o esporte enquanto um ambiente natural e hegemonicamente masculino, ensejar a participação das mulheres poderia provocar a desestabilização da representação de superioridade dos homens (Goellner, 2005).

No Brasil, esse ideal machista também se fazia presente. Havia uma preocupação entre as famílias, notadamente as da elite, de que a exposição do corpo por meio da prática esportiva ocasionasse a desmoralização feminina. Ao longo das primeiras décadas do século XX, procurou-se impedir a participação das mulheres em esportes que não seriam apropriados a sua natureza, como o futebol. Dessa forma, o Conselho Nacional de Desportos (CND) publicou um decreto-lei em 1941, que foi reforçado pela deliberação n.7 do mesmo órgão em 1965, que legitimava essa proibição (Goellner, 2005).

Embora as mulheres tenham se empenhado para permanecer no ambiente esportivo, os prejuízos históricos ao desenvolvimento do esporte feminino no Brasil são inegáveis. A revogação da legislação que proibia a participação feminina em determinadas modalidades esportivas somente ocorreu em 1979. A partir desse momento, de maneira lenta e gradual, iniciou-se um processo de apoio institucional. O futebol, modalidade amplamente associada à identidade nacional brasileira e, indiscutivelmente, uma das mais praticadas e acompanhadas no país, inclusive por mulheres e por populações indígenas, está entre os esportes mais afetados por esse histórico de exclusão.

Januário e Knijink (2022) salientam que as dificuldades observadas para a estruturação e solidificação do futebol feminino no Brasil estão relacionadas às proibições legais determinadas na década de 40 (e revogadas no final da década de 70), assim como na associação da prática dessa modalidade esportiva à perda da feminilidade e outras características atribuídas às mulheres. Além disso, esperava-se que, com a revogação do impedimento legal, a prática do futebol seria facilitada e se tornaria popular entre elas. Contudo, a experiência futebolística ainda continuou a ser difícil devido a não permissão de sua realização em campos oficiais, bem como o embargo a clubes associados a federações de terem equipes femininas (Batista, 2022).

Toda essa contextualização histórica, mostra-nos que, se atualmente as mulheres têm condições mais favoráveis para praticar esportes, especialmente o futebol, a conquista se deve a muita luta e

superação de inúmeros desafios desde os primórdios do século XX. Especificamente no caso do futebol, a sua prática tem experimentado um crescimento perceptível no Brasil nos últimos anos, que pode ser constatada por meio do aumento da quantidade de equipes e atletas profissionais, bem como pelo engajamento social em torno da participação das mulheres na modalidade. Com efeito, esse panorama é fruto do esforço e persistência das mulheres que transitam pelos diferentes espaços do contexto futebolístico (Januário; Knijinik, 2022).

Os desafios e as dificuldades observadas no envolvimento da mulher com o futebol no Brasil também se fazem presente no contexto indígena. Na verdade, esse panorama já pode ser identificado na baixa produção teórica referente ao tema. Embora a prática do futebol seja apreciada pelos povos indígenas há muito tempo, a sua discussão no campo etnológico é mais recente, a partir dos anos 2000, em virtude da preferência por outros assuntos, tais como parentesco, xamanismo, dentre outros.

Atualmente, é possível encontrarmos trabalhos que apresentam e discutem o futebol entre os indígenas em diferentes lugares do país (Vianna, 2001; Vinha, 2004; Grando, 2004; Fassheber, 2006; Fermino, 2012; Chiquetto, 2014; Rodrigues, 2014; Silva, 2014; Nascimento, 2015; Oliveira, 2018; Costa, 2021). Contudo, seja por escolhas metodológicas ou pelas condições propiciadas pelo trabalho de campo, o destaque dado à participação das mulheres é reduzido.

Assim, considerando a relevância do futebol entre povos indígenas e o gargalo das produções teóricas acerca da participação das mulheres nesse contexto, o objetivo deste artigo é descrever como ocorre o envolvimento das mulheres Karo Arara com o futebol. Para tanto, a sua estrutura se dará da seguinte forma: a apresentação do percurso metodológico, uma breve descrição do povo Karo Arara, a forma como as mulheres se relacionam com o futebol em quatro tópicos, quais sejam: a prática no dia a dia, o protagonismo no cenário regional, fatores que levam ao abandono da prática e a assunção do papel de lideranças. E, por fim, traremos algumas reflexões tecidas a partir da convivência junto a essas mulheres.

Metodologia

Este artigo foi construído a partir de uma etnografia multissituada. De acordo com Marcus (1995), este método se desloca de um único campo e situações locais, que são especificidades da etnografia convencional, para a investigação da circulação de identidades, objetos e significados culturais presentes em diversos tempos e espaços. Dessa forma, as limitações impostas ao pesquisador pela permanência somente em um lugar são rompidas, oportunizando-se a compreensão das relações estabelecidas pelo seu objeto em contextos distintos.

A investigação multissituada é construída a partir do acompanhamento dos aspectos que compõem e/ou levam a um fenômeno social específico, em que o pesquisador faz conjunções ou justaposições acerca de suas partes de modo a constituir vínculos e/ou associações entre elas (Marcus, 1995; Sciré, 2009). Nesse processo, as técnicas empregadas no trabalho de campo, bem como a intensidade destinada no envolvimento em cada um dos locais poderá oscilar. Contudo, isto não se configura em um problema, pois a base de conhecimento resultante da pesquisa é um produto de intensidade e qualidades variadas (Marcus, 1995).

A sua utilização se mostrou mais adequada em razão de o futebol ser vivenciado pelas mulheres Karo Arara em diferentes tempos e espaços. Ou seja, o envolvimento com essa modalidade esportiva não se restringe à aldeia. Também ocorre nas áreas rurais próximas, em outras aldeias, na cidade e nas redes sociais. Neste último espaço social, aliás, elas transitam bastante e o conteúdo que predomina em suas postagens, principalmente das mais jovens, é o futebol.

As reflexões apresentadas neste trabalho são oriundas de três anos de convivência junto a mulheres Karo Arara das aldeias de Iterap e Paygap na Terra Indígena Igarapé Lourdes no estado de Rondônia/Brasil. O material que lhe dá sustentação é proveniente de observações, conversas informais, registros em diário de campo e de entrevistas semiestruturadas. As participantes da pesquisa têm relação direta com esporte, seja como atleta ou como liderança. A fim de ampliar as possibilidades de compreensão, também foram realizadas entrevistas com alguns homens que se envolvem diretamente com esporte. Para a preservação da identidade dos participantes, optamos por substituir os seus nomes. Dessa forma, utilizamos a abreviação "Atl Pay/Ite" para se referir a um atleta entrevistado. Em seguida, há um número que indica a sua ordem na posição das entrevistas. No final, caso seja homem, há a presença da letra "H" e, caso seja mulher, a letra "M". E, para as lideranças, o termo "Lid Pay/Ite", a numeração indicando a ordem na posição das entrevistas, seguido da letra "H" ou "M" (da mesma forma que os atletas). A partir da sistematização de todo o material, alguns aspectos se destacaram, os quais serão abordados nos tópicos a seguir. Antes, contudo, falaremos um pouco sobre as mulheres Karo Arara.

Mulheres Karo Arara: história e futebol[1]

Os Karo Arara, Arara Karo ou simplesmente Arara vivem em três aldeias (Iterap, Paygap e Cinco Irmãos ou Palhoça), que se localizam na parte sul da Terra Indígena (TI) Igarapé Lourdes, situada próxima à cidade Ji-Paraná na parte central do estado de Rondônia (figura 1). A sua população atual nas aldeias é de, aproximadamente, 400 pessoas (Brasil, 2024). Nesta TI também se encontram os Ikólóéhj Gavião, povo com o qual mantêm uma relação de longa data e nem sempre amistosa.

[1] Entendemos o futebol como uma manifestação sociocultural complexa e multifacetada, que pode ser percebida e/ou vivenciada como um esporte e/ou jogo, como um ritual e/ou espetáculo, como um meio de manipular as massas e/ou algo prazeroso (DaMatta, 1994). Também o reconhecemos como uma prática corporal composta por um conjunto de técnicas corporais, conforme proposto por Mauss (1974).

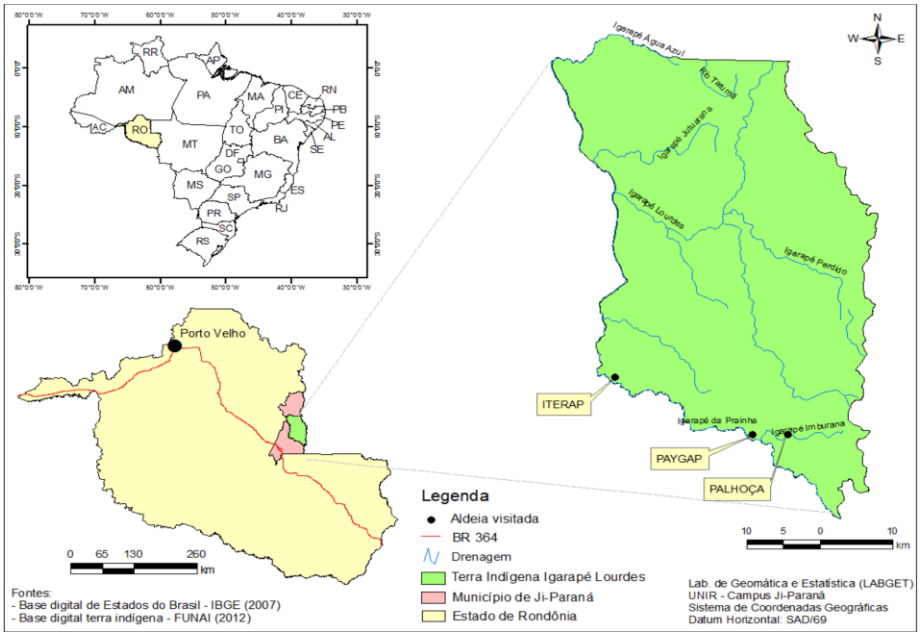

Figura 1: Localização da TI Igarapé Lourdes e das aldeias do povo Karo Arara. Fonte: Laboratório de Geomática e Estatística (LABGET) da Universidade de Rondônia (UNIR) – Campus Ji-Paraná (Santos, 2015).

O termo Arara, etnônimo pelo qual este povo se apresenta aos não indígenas e é conhecido na região, foi conferido pelos próprios brancos que assim se referiam a eles devido ao uso de urucum em todo o corpo e de uma pena do rabo da arara vermelha aliada a uma resina brilhante na região do septo nasal. Em relação à expressão Karo, refere-se à língua falada pelos Arara e a sua atribuição foi feita pelo primeiro estudioso linguístico desse povo, Nilson Gabas Jr, e significa "arara" na língua nativa (Santos, 2015). A sua língua faz parte da família Ramarama pertencente ao tronco linguístico Tupi (Gabas Junior, 2024).

O passado desse povo revela um comportamento seminômade. De acordo com Santos (2015), com base nos depoimentos coletados junto a pessoas com quem ela conviveu durante o período de sua pesquisa nas aldeias, os Karo Arara delimitam o seu espaço temporal em dois momentos. Um período antigo, em que havia bastante deslocamento e se situavam em malocas. E um tempo recente, no qual passam a conviver mais com os brancos e se dirigem para os seringais da região do rio Machado[2], vinculando-se aos patrões.

A aproximação com os brancos começa a ocorrer a partir do contato com seringalistas que atuavam na região do rio Machado. Estas aproximações datam, provavelmente, de um período entre 1880 e as primeiras décadas do século XX. Os relatos indicam que estas relações eram conflituosas e marcadas pelo contágio de doenças. Por volta de 1940, começam a se relacionar com os não indígenas sem ser por via de guerra (Santos, 2015).

Nas conversas realizadas nas aldeias, notadamente com os mais antigos, é destacado que o contato com o futebol surge a partir das relações desenvolvidas com os brancos. Embora não saibam indicar com precisão o ano em que isso aconteceu, salientam que foi no período em que viviam no

[2] Segunda principal bacia hidrográfica de Rondônia. Passa pela parte central do município de Ji-Paraná.

seringal. Outro aspecto mencionado acerca desse contato inicial com o esporte, refere-se à bola. Muitas vezes não possuíam uma bola oficial para jogar e, então, confeccionavam uma de látex.

O fato é que a partir do momento em que conheceram o futebol, não se distanciaram mais dele. Seja jogando, assistindo ou conversando, essa modalidade faz parte do cotidiano das aldeias. Em todas há a presença de campos para a prática, sendo que em Iterap, a maior delas, há pelo menos seis. A reunião para poderem jogar uma "pelada"[3] é uma das principais formas de desenvolverem a sua socialidade no cotidiano.

E, nesse contexto, há uma participação efetiva das mulheres. Mas nem sempre foi assim. Os relatos obtidos indicam que durante muito tempo não lhes permitiam jogar. Foi necessária muita persistência para que pudessem ter, hoje, a possibilidade de praticar. E ainda não é sem percalços. Espaço físico, horários, materiais, responsabilidades familiares, dentre outros aspectos, compõem uma equação que não é muito simples de resolver. Mas elas têm tentado. Inclusive, assumindo o protagonismo na esfera esportiva. É sobre tudo isso que falaremos a seguir.

O futebol no cotidiano[4] da aldeia: há igualdade?

Uma cena comum, aos finais de tarde das aldeias de Iterap e Paygap (sobretudo naquela por ter mais praticantes), é a concentração de muitos moradores no campo ou em um dos campos (Iterap) ansiosos para dar início a um dos momentos mais aguardados do dia, o jogo de futebol. Seja uma "pelada" ou um amistoso (entre as aldeias[5], no caso de Iterap), há o interesse não só de quem vai jogar, mas também de vários que gostam de acompanhar a peleja para se divertir e interagir com os seus pares.

As mulheres (meninas, jovens e adultas) são uma presença considerável nesse ambiente. Dispostas a "mostrar" o seu futebol, organizam-se em equipes ou, caso não haja outra possibilidade, unem-se aos homens, para poderem vivenciar a atividade pela qual possuem muito apreço. Mas nem sempre foi assim. Antigamente, não havia essa oportunidade. Inclusive, algumas adultas que hoje jogam, só puderam experimentar a modalidade na adolescência.

> "Hoje as mulheres participam mais, porque antes acho que elas nem participavam muito dos jogos" (Atl Pay 1 M).
>
> "Quando eu jogava. Não aceitava mesmo que as mulheres... Então, nessas peladas, por exemplo, aqui da aldeia, de tardezinha, só jogava homem mesmo" (Atl Pay 2 M).
>
> "É, hoje as meninas participam mais dos jogos, nas reuniões também. Antigamente as mulheres ficava em casa, mas só os homens que participavam. Mais hoje participam mais agora" (Lid Ite 4 M).
>
> "(as mulheres jogam bem mais hoje) Exato. Antigamente, as mulheres não tinham essa oportunidade como as gurias de hoje têm [...] os homens não deixavam, tomavam conta do espaço, do campo, não deixava elas jogarem" (Lid Ite 5 H).

---

[3] Termo utilizado para se referir a um jogo informal.

[4] [4]Entendemos o cotidiano na perspectiva de Pais (1993), que o entende como uma rota do conhecimento, que torna possível a compreensão de uma realidade social.

[5] Iterap é composta por pequenos agrupamentos (unidades ou aldeias) espalhado ao longo do território, os quais, em sua maioria, possuem uma equipe de futebol.

> "Sim, eu vejo que hoje mudou. Até porque elas jogavam só entre lá na aldeia e depois elas conseguiram participar fora. E acho que hoje participam mais do que antigamente. Antigamente era meio que raro. Acontecia, mas era como eu falei, jogar mais misto ali, não era mais o time delas mesmo. Até para a quantidade de pessoas que tinha também na Paygap, era pouca gente ali. Tinha que se jogar e misturar, mas eles sempre fizeram presente no meio" (Lid Pay 5 H).

Embora alguns homens admitam que dificultaram a viabilização da prática do futebol pelas mulheres, há aqueles que acreditam (e que promovem essa percepção) que não havia o interesse por parte delas, o qual foi surgindo com o passar do tempo. Como resultado desse tolhimento, ocorre a dificuldade de as mulheres se perceberem enquanto atletas. Entendem-se como auxiliares, colaboradoras dos homens.

> "Então, as mulheradas da comunidade aqui, da minha comunidade, quem gostava de futebol mais eram os homens. Depois que as mulheradas viram os homens brincando, jogando bola, eles foram vendo. Aí, dali, as mulheradas foram se aproximando mais e gostando do futebol" (Lid Ite 2 H).

> "Mudou porque as mulheres antigamente jogavam só com os homens, elas não tinham o time das mulheres, não existia, elas aprenderam a jogar com eles, não tinha um time delas e hoje não, hoje tem um time delas. Hoje elas podem, até o dia que eles não querem dar o campo para elas, aí eles convencem elas de jogarem junto, mas elas sabem que elas têm um time delas e que querem, então tem o dia que elas falam não, hoje nós não vamos jogar com vocês, hoje a gente vai jogar e vocês não vão jogar, ou então esperem nós jogar primeiro, ou então vocês joguem primeiro no horário que der, que aí tal horário vai ser nosso. Então elas se posicionam e antes não, antes elas jogavam com eles, mas naturalmente, não tinha também aquele pensamento de fazer o time delas, para elas, elas ajudavam, não eram eles. Ela está me ajudando no time, eu estou ajudando no time tal. Até a fala delas era isso. Eu não estou no time, ela falava que está ajudando. [...] Nem se olhava com... Hoje a gente escuta que elas falam que eu sou atleta, eu jogo futebol" (Lid Pay 4 M).

O reconhecimento da capacidade para poderem jogar futebol somente entre si, executando as técnicas necessárias e organizando as suas próprias equipes, foi fundamental para que as mulheres pudessem exigir o tempo e o espaço apropriados para a sua prática. O estabelecimento de limites no ambiente esportivo junto aos homens era imprescindível para que mais mulheres sentissem confiança em participar, notadamente as mais novas, e a modalidade se popularizasse entre elas.

A mudança de postura das mulheres, não obstante ter propiciado avanços em suas condições de jogo, ainda não lhes assegura a equidade em relação aos homens. No que concerne aos materiais de uso individual (chuteira, meiões, dentre outros), eles possuem muito mais acesso do que elas. Da mesma forma ocorre com as bolas para poderem jogar, em que, quase sempre, dependem da cessão de um deles. No caso de Iterap, ainda há a questão do espaço físico, pois, muitas vezes, não querem permitir a ida ao campo principal, direcionando-as para um campo de dimensões menores e qualidade inferior.

E a situação que ocasiona maior disparidade, principalmente em Paygap, diz respeito ao horário de início dos jogos e a quantidade de tempo que cada gênero tem direito. As condições climáticas nessa região são de temperaturas elevadas em boa parte do ano, inviabilizando a realização de jogos durante quase todo o dia. Como nos campos das aldeias ainda não há postes de iluminação, não é possível jogar no período noturno. Dessa forma, as partidas são marcadas geralmente após às 16h. Ou seja, já para o final do dia. Momento em que se defini quem jogará primeiro e o tempo de duração, ocorrendo os conflitos.

> "Não é o mesmo tempo, às vezes a gente tem que brigar com os homens para a gente jogar bola. As meninas têm que começar mais cedo e os homens só mais tarde" (Atl Ite 1 M).
>
> "(os homens têm mais tempo?) Têm mais" (Atl Ite 4 M).
>
> "Não, o tempo só muda, porque ela joga menos minutos e nós jogamos mais tempo" (Lid Ite 3 H).
>
> "Tem vezes que é igual. E assim, o que eu achava errado, que eu questionava, mas os meninos também às vezes não achavam, era o tempo delas. Às vezes elas jogavam mais cedo, por exemplo, três horas da tarde. Nós jogávamos de tarde, entendeu? O que não é o inverso? Jogando aquele sol quente, entendeu?" (Lid Pay 5 H).
>
> "Sim, eles jogam mais que as meninas, que ali tem só um campo, aí tem vezes que a gente quer brincar mais, os meninos vão lá e entram no campo e não pedem licença, que eles vão entrar ali, eles entram assim mesmo e vai. Aí a gente sai do campo, que eles jogam mais que as meninas, que as meninas jogam pouco, que também não têm aquele treino para elas, aquele jogo para marcar minutos, tanto minutos que as meninas vão jogar, eles não fazem assim." (Lid Ite 4 M).
>
> "Tem vezes que a gente dava tempo para elas também, e de muita vez os homens não davam espaço para elas, só que tem todo o tempo, tem horário delas também, de começar mais cedo." (Lid Pay 1 H).
>
> "Então, é tudo tranquilo e a gente dá mais tempo para as mulheres. Por exemplo, quando é no horário no período da tarde, a gente dá uns 20 minutos para as mulheres jogarem. 10, 10 do lado, 10 do outro. Aí depois a gente faz as brincadeiras dos homens. Primeiro as mulheres, depois os homens." (Lid Ite 2 H).

As entrevistas e o convívio no cotidiano da aldeia indicam que, apesar de alguns homens assumirem o seu privilégio em detrimento das mulheres no que se refere aos horários, a percepção masculina geral é de que isso não ocorre. Com efeito, embora o discurso masculino seja de que não há qualquer tipo de ação preconceituosa direcionada para as mulheres que jogam, alguns ainda se valem de falas sexistas e discriminatórias para tentar invalidar a presença delas no espaço de jogo.

> "Não, nós não temos preconceito, eu nunca vi aqui, e a gente acha legal isso (a participação das mulheres)." (Lid Pay 1 H).
>
> "Mas nós, comunidade, não temos esse preconceito com a participação, não. Não tem preconceito com a participação, não. Graças a Deus, assim tudo é tranquilo. Quem tiver interesse em querer participar, tanto masculino, tanto feminino, é tranquilo pela participação." (Lid Ite 2 H).
>
> "(preconceito)Tem, tem um pouco ainda que eles falam para nós sair para lavar a louça, que é o lugar de mulher. Esse daí também que a gente fala, nós não vamos ficar só lavando as panelas, nós já lavamos panelas, nós deixamos limpo lá e nós quer brincar. É esse daí que a gente é um pouco também assim..." (Lid Ite 4 M).
>
> "(preconceito) Tem, sabe por que, professor? Porque a partir do momento que os homens colocam as mulheres para jogar no sol quente meio-dia e não tem a consciência de colocá-las no horário que eles querem jogar, porque eles querem jogar no melhor horário por conta do sol. Mas eles não pensam assim, nós homens não estamos aguentando, imagine as mulheres. Então, eles abrem brechas para elas nos piores horários para que elas desistam mesmo, sabe? E tem brigas de horário de campo, briga que eu digo assim, elas querem entrar e eles não saem. Elas estavam conseguindo jogar porque o Ivan tinha que ir para lá, embora saiam para jogarem. Aí elas conseguem, mas eles não saem. Tem hora que eu acho que é preconceito e tem hora que eu acho que é o vício que é tão grande de jogar naquele horário e que acaba não permitindo elas entrarem, mas eu já jogo logo o tema pesado para eles para ver se eles se tocam, porque

> teve já falas lá, vão lavar a louça de vocês, vão no sei o que lá, então isso é preconceito, porque eles poderiam também estar fazendo algo, mas estão jogando bola."(Lid Pay 4 M).

O esforço das mulheres para exercer o seu direito de jogar futebol em condições mínimas adequadas é constante. O discurso predominante, inclusive reforçado por algumas mulheres, é o de que elas dispõem das mesmas oportunidades para jogar, no dia a dia, que os homens. No entanto, é possível notar que para terem condições parecidas com as deles sempre têm que lutar pela bola, pelo espaço e pelo tempo.

O reconhecimento no cenário regional

A prática constante do futebol, propiciou, ao longo dos anos, o aprimoramento das habilidades e da capacidade de jogar. Isto é, as mulheres desenvolveram técnicas corporais próprias, que lhe possibilitam reconhecimento social. As gerações mais novas também se beneficiaram do fato de crescer tendo como referência outras mulheres e poderem assimilar o conhecimento que elas precisaram de muito mais tempo para conseguir. Vale ressaltar que as técnicas corporais são transmitidas oralmente e, por meio da transmissão, apresentam eficácia simbólica. O desenvolvimento do futebol feminino entre o povo Karo Arara ocasionou, então, a percepção de que o espaço da aldeia já não era mais suficiente para elas apresentarem o seu jogo. Elas queriam mais.

> "E tem outra coisa que eu esqueci também, é que a gente tem o time das meninas também, e o que a gente pensou também, de participar também em Ji-paraná, e não jogar só torneizinho aqui." (Lid Pay 2 H).

As mulheres se organizaram e passaram a realizar partidas amistosas tanto na aldeia quanto fora dela. Da mesma forma que os homens, elas jogavam contra o povo Gavião e/ou contra equipes da área rural próxima. Com a aquisição de mais experiência e o surgimento de oportunidades para participarem em torneios esportivos na área rural próxima à aldeia, começaram a se inserir nesse tipo de competição. Esses movimentos se fizeram presentes tanto em Paygap quanto em Iterap.

A partir do ano de 2021, a equipe de Paygap ampliou as suas possibilidades de participação, ingressando no cenário regional e disputando campeonatos em Ji-Paraná e cidades próximas. Embora contassem com o apoio de uma liderança masculina, era evidente o protagonismo dessas mulheres. A decisão de participar, a organização, a mobilização da equipe e a busca por alternativas para viabilizar a participação na competição partia delas. O mais interessante é observar que essa iniciativa se dava por parte de jovens, visto que a equipe era formada por jogadoras de até vinte anos.

> "Era difícil ter time feminino, e agora o time feminino do nosso aqui da aldeia é reconhecido na cidade, todo mundo sabe quem é. Ali as pessoas veem quem joga melhor ali." (Lid Pay 2 H).

O bom desempenho e os resultados alcançados nas competições chamaram à atenção dos não indígenas. Dessa forma, passaram a receber convites para participarem de campeonatos na região. O interesse também se fez presente em atletas que requisitaram a possibilidade de participarem da equipe ou em equipes que gostariam de se unir a delas e formar somente uma. Outro ponto a se destacar diz respeito a algumas atletas que tiveram um ótimo desempenho individual e receberam convites para participar de competições em nível estadual. Em alguns desses eventos, foram os destaques de suas equipes, sendo admiradas por performarem tão bem.

A obtenção desse reconhecimento em nível regional por parte das atletas Karo Arara, notadamente as de Paygap, dá-se com muito esforço e a superação de obstáculos que extrapolam o ambiente esportivo. Esses desafios que se interpõem à rotina competitiva dessas mulheres podem ser reunidos em dois grupos. O primeiro, e principal, se refere à parte logística. A partir do momento em que recebem um convite e/ou se interessam por um campeonato, precisam providenciar o dinheiro para inscrição, o transporte e o recurso para alimentação. É esse o principal motivo que inviabiliza o envolvimento das mulheres de Iterap nas competições. Solucionar todas essas questões não é simples.

Silva (2014), ao analisar o panorama do futebol feminino na TI Xapecó dos Kaingang, ressalta que entre as principais diferenças em comparação ao futebol masculino, encontra-se a precariedade de condições a que estão sujeitas. De acordo com a autora, as mulheres, diferente dos homens, não possuem uniforme, diretoria e, até mesmo, um nome que identifique a equipe.

O segundo diz respeito ao preconceito e à discriminação. Embora apresentem uma conduta respeitosa com as adversárias, no acompanhamento das atletas de Paygap em alguns campeonatos, pudemos verificar que nem sempre o tratamento recebido é recíproco. As falas ofensivas eram direcionadas à aparência física delas, ao fato de se comunicarem na língua materna e a elementos de sua organização social (por exemplo, "vão derrubar castanha"). Em conversas com algumas delas, relatam que aprenderam a conviver com isso, mas é perceptível e compreensível, o incômodo e a tristeza que isso causa. Uma espécie de sofrimento pessoal (Le Breton, 2016).

Apesar disso, elas procuram continuar a fazer uma das coisas de que mais gostam, jogar futebol. Buscam estar presentes nas competições, mesmo que nem sempre a equipe se encontre em suas melhores condições para poder competir, seja pela estrutura precária (falta de bolas, equipamento de uso individual e, no caso de campeonatos de futsal, uma quadra para treinamento) e/ou por não conseguirem se reunir para treinar. Sobre este último ponto, com o aumento do tempo de convivência, chamou-nos à atenção, tanto em Paygap quanto em Iterap, haver várias mulheres (entre 20 e 30 anos) em boas condições físicas e técnica para jogar, mas que haviam se afastado da modalidade.

Aposentadoria precoce: as responsabilidades familiares e o abandono do futebol

Conforme destacado no tópico anterior, a equipe de Paygap era composta por atletas com até 20 anos de idade. Elas vinham competindo juntas em nível regional há dois anos. Contudo, para o ano de 2024, teriam uma baixa. A goleira da equipe não iria mais participar das competições. Procurando entender melhor os motivos, fomos conversar com o restante da equipe e com pessoas da aldeia. A percepção que ficou subentendida, após as interações, era de que após ter casado, estava mais complicada sua participação.

O estreitamento das relações com as pessoas das aldeias ao longo dos anos, fizeram-nos perceber que essa era uma situação comum. Mulheres, que jogaram durante a sua adolescência e na idade adulta, a partir do momento em que casaram e constituíram as suas famílias, decidiram se afastar da modalidade. Há algumas justificativas para que isso ocorra. A primeira delas se refere à interferência do marido.

> "porque eu também conheço algumas pessoas que não podem ir, que as pessoas às vezes se casam e não podem sair, a maioria das pessoas proíbe muitas mulheres de não estarem por dentro daquele movimento indígena, não só no movimento também, como nos esportes, eu acho." (Atl Pay 5 H).
>
> "Eu e o Ivan já tínhamos reparado que algumas realmente são os próprios maridos que não aceitam." (Lid Pay 4 M).
>
> "Às vezes eu acho que o marido delas não aceita." (Atl Pay 7 H).
>
> "Eu acho que mais parte do marido. Então assim, por exemplo, tem menina que destaca bem, joga bem, aí depois que casa, aí abandona tudo." (Lid Ite 2 H).
>
> "Também é um pouco de ciúme, também que o marido não tem aquele consenso com ela para ela entender também que ela quer jogar bola. Eu também tive um pouco também com o meu esposo quando começou a jogar e eu queria jogar e a gente teve esse daí que é um pouco também (...) O marido tem que entender mais, a gente tem que conversar. Tem que entender também que a gente quer jogar, é o interesse da gente e a gente deixa ele jogar também e ele não quer deixar a gente também jogar bola. Por isso que também as mulheres desistem. Tem muitas mulheres que jogam também, que antigamente jogavam também as meninas." (Lid Ite 4 M).
>
> "Muitas vezes é a família. Muitas vezes é o marido que não quer que jogue ou escolha. Acho que é isso." (Lid Ite 5 H).

Vê-se nas falas acima, tanto de lideranças como de atletas, de ambos os gêneros, que o marido e a vida familiar após o casamento constituem grandes empecilhos para que as mulheres indígenas continuem a praticar o futebol. O caráter festivo do ambiente esportivo amador, especialmente durante competições, marcadas pela presença de um grande número de pessoas, música, dança e consumo de bebidas, pode gerar tensões em relações afetivas. Homens com perfis mais controladores e ciumentos, sobretudo aqueles que não participam diretamente do universo esportivo, tendem a perceber essas situações como potenciais ameaças à estabilidade do relacionamento.

Rodrigues (2014), que pesquisou a prática do futebol entre os Guarani e Kaiowá, verificou que ocorre a interferência do desejo do marido no envolvimento de mulheres casadas com a modalidade. Uma de suas interlocutoras destacou que obteve o consentimento do marido para poder participar dos treinamentos, mas que deveria deixar as suas responsabilidades familiares em ordem.

A partir dos relatos coletados junto aos Kaingang da TI Xapecó, Silva (2014) salienta que além da prática do futebol entre as mulheres ser mais recente, um dos obstáculos que se apresenta para atrapalhar o seu desenvolvimento é a postura de alguns homens que não aceitam que as suas esposas participem.

Nos Kaingang da TI Palmas, Fassheber (2006) ressalta a presença das mulheres na prática futebolística. O seu envolvimento é menor e mais tardio em comparação aos homens, mas também há entusiasmo. Os desafios para a participação se acentuam para as mulheres casadas, pois dependem da autorização do marido e do cumprimento das demandas familiares, como o cuidado com os filhos e com o ambiente doméstico.

Por outro lado, há também os relatos de casos em que os homens jogam e não gostam que as suas esposas joguem, esforçando-se para que elas não participem. Pode-se notar, então, que jogar não é um fator determinante para esse tipo de comportamento.

Nesse sentido, há uma segunda justificativa que também pode estar relacionada com essa insatisfação dos homens em relação ao envolvimento de suas esposas com o esporte. É a responsabilidade com as questões familiares. Nesse caso, destacamos os cuidados com os filhos e com as tarefas domésticas.

> "Não sei. No meu ponto de vista, eu acho que é por causa dos filhos, entendeu? Que atrapalham também..." (Atl Pay 4 M).
>
> "Igual eu falo para minha esposa, que hoje não é só um homem que pode jogar futebol, hoje tem a mulher que é capaz também de jogar futebol e hoje você vê que tem mulheres, igual você está falando, que não sei qual é o motivo de elas não estarem participando do futebol. E com filho fica mais difícil ainda." (Atl Pay 6 H).
>
> "Mas eu converso com o Júnior, que é o esposo da Eline. A Eline jogava bola demais. Ela era... Hoje a Mayara de lá. E aí, casando, ele falou, não, eu incentiva ela a ir, mas ela que não quer ir. Acho que devido às obrigações também. As obrigações familiares, como mãe, como esposa. Acho que é isso muito também, eu vejo. Mas não é tanto da parte deles não deixarem o marido [...] E assim que eu pude perceber foi isso, porque a gente formava time e queria que ela jogasse, achava que era dele, eu chamei ele para conversar, ele falou não, eu não, ela explica que não quer ir e hoje tem casa para cuidar, diz que ela jogou bola e tem casa para cuidar, é isso." (Lid Pay 5 H).
>
> Eu acho que é o desânimo dela, eu acho que ela fica desanimada [...] é mais difícil (quando se tem filhos). Aí que é o problema. Tem que cuidar das crianças." (Atl Ite 1 M).
>
> "Eu acho que elas param pra cuidar de filho e de casa." (Atl Ite 4 M).
>
> "Porque ela faz as coisas na casa dela, aí não tem tempo de poder jogar, nem poder treinar." (Atl Ite 5 H).

De acordo com Nascimento (2015), entre os Munduruku da aldeia nova Munduruku, nem sempre as mulheres casadas conseguem participar dos jogos, devido às suas responsabilidades familiares. Nesse sentido, em seu período de campo, não presenciou a realização de partidas da equipe feminina. Nas conversas com os seus interlocutores, descobriu que o time estava passando por reformulações em razão do afastamento de algumas jogadoras, por motivo de casamento e gravidez. Em outros tempos, o time feminino disputava competições escolares, contra outros povos e, também, na própria aldeia.

A negligência masculina em relação ao compartilhamento das responsabilidades familiares ainda é muito presente tanto entre os não indígenas quanto entre os indígenas. Em sua grande maioria, os homens acreditam que atender as necessidades dos filhos e realizar as tarefas domésticas compete somente às mulheres (Jablonski, 2010; Labiak; Lacerda; Zwielewski, 2023; Martins; Luz; Carvalho, 2011 Picanço; Araújo, 2019; Ribeiro *et al.,* 2023). Apesar de cada vez mais mulheres também possuírem uma atividade profissional, inclusive no contexto indígena, essa concepção indolente dos homens ainda permanece.

Uma terceira justificava para o abandono da prática esportiva diz respeito a questões físicas. O afastamento das mulheres desse tipo atividade ocorreria em razão de problemas físicos oriundos de lesões ou pela dificuldade de retorno após o nascimento do filho. Se antigamente os partos eram por

via normal, atualmente muitos se dão por cesárea, o que implica em mais cuidados e um período de recuperação maior.

> "(Já conversou com outras mulheres sobre o abandono do futebol?) Já. Eu sou meio pesada, eu gosto de conversar com eles. Por quê? Porque antigamente, quando eu me engravidei primeira filha minha, eu não parei de jogar, não. Mas eu parei por causa do meu joelho. Do joelho mesmo." (Atl Pay 4 M).
>
> "Joga, só que assim, como eu estou falando, os meninos que ela ganhou são todos cesárea. Aí, por exemplo, ela tem um menino pequeno que é o João, o filho dela está com dois anos ainda. em novembro, é recente. Eu fico meio com medo de jogar e acontecer algum problema." (Lid Pay 1 H).

As lesões são muito comuns entre os homens e as mulheres que praticam futebol nas aldeias, principalmente as que acometem o joelho. Em conversas informais com adultos que se encontram afastados da modalidade, pode-se notar que os problemas no joelho geralmente são apontados como a causa desse afastamento. A prática em condições inadequadas (material esportivo, campo e a própria preparação física) pode ser um indicativo desse panorama. Desse modo, é possível que essa situação colabore para o abandono das mulheres, assim como a gravidez. Muitas engravidam na faixa dos 20 anos e não apenas uma vez, o que levaria a um distanciamento periódico, acarretando, posteriormente, o completo afastamento da prática do futebol.

Contudo, a partir da convivência e das interações, foi possível verificar que pode haver uma quarta justificativa. A sua percepção se dá de maneira mais complexa, visto que pode se relacionar com outras dimensões da vida na aldeia. O afastamento do esporte ocorreria em virtude de uma questão identitária.

> "Ela que decide parar... Ela que não se vê mais como estudante, como atleta, ela não se vê mais, ela só se vê pronta para servir o marido." (Lid Pay 4 M).
>
> "Rapaz, essa parte é muito complicada de estar até para a gente estar explicando. E quando as meninas são solteiras, isso não impede de nada, elas participam, mas depois que casam, arrumam marido, elas esquecem, elas abandonam até de estar praticando mais, até porque mesmo, eu acho que por causa da tradição mesmo, casa e não quer que a mulher joga mais, não quer brincar mais." (Lid Ite 2 H).

A fala da liderança feminina acerca da forma como entende o afastamento da prática esportiva se dá por suas observações e pelas interações construídas com essas mulheres ao longo dos anos. E essa concepção extrapola o âmbito esportivo. A partir dela, entende-se que a mulher deixa de lado os seus próprios interesses (esportivos, educacionais, profissionais, dentre outros) para atender aos dos seus filhos e do seu marido, ou seja, os da sua família.

Nesse sentido, pode-se estabelecer uma aproximação com a fala da liderança masculina, especialmente quando ele menciona a "tradição" como fator desencadeador desse afastamento. Não obstante essa situação também ser observada entre as mulheres não indígenas, parece ser esperado que a mulher indígena, notadamente as Karo Arara, sigam um comportamento pré-determinado, qual seja, de se dedicar totalmente aos interesses da família e não necessariamente aos seus.

Ao longo dos anos, cada vez mais mulheres passaram a reivindicar a legitimidade de sua presença no espaço esportivo, considerado, até então, de soberania masculina. Nesse sentido, além do

questionamento ao seu pertencimento naquele ambiente, a respeito de sua orientação sexual e a associação de sua participação a problemas de saúde, outras situações foram interpostas a mulheres, as quais, quase sempre, não são direcionadas aos homens. Mesmo que tenha ocorrido uma pequena melhora na divisão das atividades conjugais, espera-se que as mulheres sejam as principais responsáveis por elas (Dunning; Maguire, 1997). E é o que ainda parece prevalecer entre os Karo Arara.

> "(Fica mais difícil jogar quando casa) Fica, mas sempre nós incentivamos aqui, nós nunca falamos para ela o que ela casou, ela vai deixar de jogar, praticar as coisas que ela fazia e nós sempre dá muito apoio aí é da escolha dela mesmo, mas isso para nós é normal, eu acho legal isso. Até mesmo a gente antes, sempre nós trabalhando com o time feminino eu e o Ernandes, a gente participava de torneios aqui, todos os torneios que as meninas levavam, ninguém ganhava, mesmo o Gavião, é difícil ganhar das mulheres daqui, e Iterap também não ganha. Na época, ela tinha a mulher do Juninho, a Eline, nossa atacante boa. A Andrelina também, que casou com... a Erika." (Lid Pay 1 H).

O discurso predominante entre os homens é de que há o incentivo para que as mulheres continuem a jogar após casarem e terem filhos. Resguardado os casos de lesão, seria a própria mulher que não teria mais o interesse. Mas, como se manter motivada e em condições de jogar, quando são acumuladas tantas tarefas? Cuidar da casa, dos filhos, estudar e, em alguns casos, até uma atividade laboral. Como dispor de tempo quando se é a única responsável por tudo isso?

Em algumas oportunidades, quando dávamos treino ou acompanhávamos jogos na aldeia, pudemos verificar algumas mulheres parando de jogar porque os filhos pequenos estavam chorando e querendo a sua presença. Em mais de uma dessas vezes, o pai da criança estava presente e, mesmo assim, ela teve que sair e ir ao encontro da criança.

Dessa forma, percebe-se que, apesar de ressaltarem que apoiam e incentivam as mulheres a participarem, os subsídios necessários para que seja viabilizada a participação não ocorre. No caso, o compartilhamento das responsabilidades familiares. Isso indica que, de forma consciente ou inconsciente, a uma conduta machista[6] de boa parte desses homens. E isso implica em ainda mais dificuldades quando as mulheres se encontram no papel de liderança.

Protagonismo no cenário esportivo: as mulheres e o papel de liderança

A mulher indígena tem obtido cada vez mais destaque no exercício do papel de liderança representando os interesses do seu povo diante de outros povos indígenas e dos não indígenas. Durante muito tempo não houve a sua presença nesses espaços ou, embora fosse atuante, não era exposta a sua participação. Ou seja, ela era invisibilizada. Contudo, atualmente, encontram-se em destaque nas lutas indígenas pelo reconhecimento de seus territórios e por melhores condições na educação, na saúde e, é claro, no esporte.

O envolvimento cada vez maior das mulheres Karo Arara com o ambiente esportivo, sobretudo com o futebol, sugere que um caminho natural seria a sua presença nas situações em que são discutidas

[6] Compreendemos o machismo como "...um sistema de representações simbólicas, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre homem e mulher" (Drumont, 1980, p.81).

as possibilidades para o desenvolvimento da participação feminina no esporte. Ou seja, sendo as maiores interessadas, é fundamental que apresentem as suas demandas, defendam os seus interesses e procurem os melhores caminhos para que mais mulheres participem. E, para isso, estar entre as lideranças é imprescindível.

No entanto, ser uma liderança é desafiador. Se os homens já encontram bastante obstáculos por serem indígenas, elas possuem um duplo marcador social, qual seja, a etnia e o gênero. Esses dois elementos resultam em situações dificultadoras a serem vivenciadas tanto fora quanto dentro da aldeia.

> "Nossa, é complicado falar disso (a participação da mulher enquanto liderança). É muito complexo, mas não é fácil, até porque, primeiro, por ser indígena, segundo, por ser mulher. E terceiro, nós vivemos em um mundo muito machista. O nosso mundo é muito o homem que faz, a capacidade de gerir as coisas só é o homem. E para mulher, a dívida ainda dobra mais ainda." (Lid Pay 5 H)

> "Então, a questão dos preconceitos com as mulheres, de primeiro acontecia isso, que só os homens que estava na frente, que tinha voz, mas hoje, dentro da nossa comunidade, a gente dá essa oportunidade hoje para as mulheradas também estar desenvolvendo dentro de qualquer outra atividade, de estar na frente também falando, de ter essa postura de também se tornar uma liderança que fala e que tem voz também, mas hoje tem muitas mulheres, principalmente quando é dentro do esporte, é pouco. É raro ter uma indígena no meio do esporte, mais são os homens mesmo. Mas não impede nada de a mulher também estar desenvolvida dentro da liderança." (Lid Ite 2 H)

> "Acho que sim (sobre ser importante o envolvimento da mulher com o papel de liderança), porque hoje, por exemplo, se a gente montou uma equipe, uma comissão, acho que cada um tem que respeitar o outro e isso, que nem eu estou falando, Sempre a gente vem mantendo isso para cada um somar, não só o homem e a mulher. Quem tem uma mulher lá, tem uma ideia melhor do que a minha, a gente tem que acatar a ideia dela. Só porque ela é mulher, a gente vai desprezar ela, a gente vai discriminar e excluir ela.... A gente nunca foi machista, que fala assim. A gente sempre respeitou, a gente sempre buscou parceria com elas. Mas, sim, tem muitas outras pessoas que não aceitam, mas a gente que está ali como liderança, a gente tem que trazer as mulheres para participar também e a ideia, a opinião delas é bem-vinda também, é aceita entre nós." (Lid Pay 1 H).

As falas dos homens Karo Arara, que também exercem o papel de liderança dentro e fora da aldeia, ratifica a ideia de que as mulheres indígenas, em especial as do seu povo, sofrem preconceito por conta do seu gênero (e fora da aldeia por ser indígena). Destacam, também, que se houve esse tipo de comportamento com as mulheres que desejavam o papel de liderança antigamente, hoje não ocorre mais.

Entretanto, a respeito desse último ponto, em outros contextos indígenas ocorre de maneira diferente. Duarte (2017) afirma que entre os Terena o machismo ainda impera, homens procuram privilegiar outros homens. Uma de suas interlocutoras ressalta que a preponderância do machismo prejudica a conquista de políticas públicas para o povo, visto que no momento de serem feitas cobranças e de estarem em discussões, aqueles que representam a comunidade são despreparados e ocupam aquele lugar somente pelo fato de serem homens. Além disso, a mulher indígena, para ocupar o lugar de liderança, precisa conquistá-la, demonstrando o tempo todo que tem capacidade para tal.

Entre os Apinajé, Milhomen (2021) afirma que os homens dividem o trabalho na roça com as mulheres, mas que na hora de dividir as tarefas domésticas se mostram resistentes. Esse panorama faz

com que uma de suas interlocutoras ressalte a dificuldade em, enquanto mulher casada e com filhos, engajar em movimentos sociais. Para ela, dessa forma, as mulheres solteiras é que deveriam se envolver.

No contexto amazônico, Sacchi (2023) salienta que a ocupação do papel de liderança ocasiona o acúmulo de responsabilidades, pois a maior parte das tarefas domésticas permanecem sobre os seus cuidados. Além disso, há também as reclamações por parte da família acerca da sua ausência. Nesse sentido, como estratégia para diminuir a resistência dos homens, têm-lhes convidado para participarem das reuniões, buscando fortalecer a parceria com os homens e não o estabelecimento de um espaço de lutas.

> "Eu ainda acho que é difícil (participação das mulheres). Que nem agora que a gente tá à frente, nas reuniões, tem um pouco de dificuldade. Quem nem eu sou uma professora, tem vez que não tem como eu sair ali, a ser uma pessoa também que vai ali para ver como é também sobre esporte, para participar. E fica difícil para mim que é..." (Lid Ite 4 M).

> "Eu acho que os maiores desafios é fazer com que mais mulheres participem de fato, igual eu estou participando, porque eu acredito que precisa, só que a gente acaba vendo que, de lá de fora, é bem mais difícil para mim falar porque eu não sei se é falta de espaço que eles não dão para as mulheres ou se são as próprias mulheres que não se veem nessas posições, porque muitas mulheres acham que ou elas são donas de casa ou são apenas atletas, mas ela não pode se ver em uma posição de que são lideranças[...] Eu acho que a gente já tem bastante mulheres que se envolvem (sobre como melhorar a participação das mulheres) [...] Eu acho que não mudar, mas eu acho que melhorar." (Lid Pay 4 M).

> "Na cidade, eu me admirei dos outros rapazes que não são indígenas me respeitar da mesma forma como os nossos parentes. Eu até falo que quem passou esse maior respeito além de mim foi os meus próprios jogadores indígenas, porque eu acho que os outros, vendo eles me respeitar, todos me respeitam. E na questão dos dirigentes, eu vejo o respeito, mas não o 100%, porque nem todo mundo respeita mesmo, professor [...] (a respeito do grupo de *WhatsApp* de dirigentes de futebol de Ji-Paraná) E são o quê? Quase 80 pessoas e uma mulher. Eles falam um monte de coisas, coisas que às vezes eu nem consigo acompanhar. E quando é para dar opinião, sabe assim, na hora de dar, todo mundo pede opinião ali, mas quando a minha opinião pode até ser a que eles sabem que é boa, que é certa, mas por serem 80 homens e eles acatarem a opinião de uma mulher, não conseguem. Não consegue, porque já teve uma questão que eu tinha opinado, era uma proposta boa. Alguns gostaram e falaram não, que era muito boa, mas a maioria falou não. Olha, nós somos 70 homens e a gente não vai ter uma proposta melhor do que de uma mulher? Só não falou isso, mas ficou muito claro. E aí eu fui e falei, infelizmente são praticamente 80 homens, mas que realmente não raciocino, porque se vocês forem olhar a conversa de vocês, vocês falam tanta baboseira, mas não trazem uma proposta boa. Agora, se vocês não querem aceitar a minha, eu respeito. Agora, se vocês querem só não aceitar por conta de ser uma proposta de uma única mulher, eu acho que é muita burrice." (Lid Pay 4 M).

As mulheres que assumem o papel de liderança entre os Karo Arara, notadamente no âmbito esportivo, também são mães, esposas, filhas, possuem vínculo profissional e ainda tentam desenvolver outros projetos pessoais. Conforme observado na resposta de uma das interlocutoras, em algum momento fica difícil conciliar todas essas funções. Além disso, apesar de uma delas já ter apresentado competência para contribuir de forma efetiva no cenário esportivo regional, a discriminação sofrida por parte dos homens, que são a maioria, limita a sua atuação.

O esporte tende a se constituir como um ambiente no qual se sobressai a masculinidade, estabelecendo-se uma barreira contra a feminização. No entanto, a partir do momento em que as mulheres passam a se fortalecer, adquirindo mais autoconfiança e independência, essa hegemonia masculina passa a ser ameaçada. Até por isso, a luta para poderem se estabelecer no espaço esportivo é

árdua e constante. Embora a sua presença não seja mais ameaçada, ainda ocorre de maneira marginal, visto que a cobertura das modalidades esportivas praticadas por homens é maior, assim como o recurso financeiro recebido (salário, patrocínio, premiação, dentre outros) (Dunning; Maguire, 1997).

Portanto, no ambiente esportivo, há a prevalência do pensamento masculino e, talvez, seja o espaço cultural em que haja mais resistência a mudanças. Uma alternativa é o fortalecimento de mecanismos de resistência das mulheres indígenas, que, seguramente, perpassa a desconstrução de padrões de pensamento e de práticas machistas, ao passo que há ocupação e apropriação de seus lugares na prática do futebol.

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi descrever a forma como as mulheres Karo Arara se relacionam com o futebol. Devido ao espaço limitado disponível nesse texto, não foi possível aprofundar nas problematizações oriundas da investigação e que indicam as tensões sociais e culturais manifestadas em razão da prática do futebol pelas mulheres Karo Arara. Essas discussões deverão ser abordadas em trabalhos posteriores.

Em todo o caso, a partir das observações realizadas durante o período de convivência e de entrevistas feitas com pessoas envolvidas diretamente com o esporte nas aldeias, pudemos verificar que, embora a participação das mulheres tenha aumentado ao longo dos anos, estas ainda não possuem as mesmas condições favoráveis desfrutadas pelos homens.

O acesso a bolas, aos campos e aos materiais de uso individual (chuteira, meiões, caneleiras) é desproporcional em relação aos homens. Muitas vezes dependem da boa vontade deles, inclusive no empréstimo dos materiais. Além disso, a atribuição de maiores responsabilidades domésticas desde jovens acarreta na diminuição de tempo e de ânimo disponíveis para jogarem. O que se torna mais evidente quando se casam e possuem a sua própria família.

Por isso, o discurso proferido por muitos homens de que apoiam e desejam que mais mulheres joguem futebol é contraditório. Se, de fato, lhes dão tanto esse suporte, por que em muitos momentos disponibilizam os piores horários para os seus jogos? Por que não lhes auxiliam na aquisição de materiais? Por que não dividem de forma equânime os trabalhos domésticos e os cuidados com os filhos?

Acreditamos que movidas por sentimentos despertados por questões como essas é que as mulheres Karo Arara passaram a estar mais presentes nas discussões que direcionam os rumos do esporte, notadamente o futebol, junto ao seu povo. Embora não sejam um número expressivo, as lideranças creem que o exemplo dado às novas gerações fará com que mais mulheres se interessem e se tornem atletas. E, se com a presença de poucas lideranças o futebol entre elas já tem crescido consideravelmente, com o advento de novas colaboradoras o seu desenvolvimento será ainda maior.

Referências

BATISTA, Victor Hugo Gonçalves. **Entre a proibição e a legalização: reflexões sobre o futebol de mulheres (1965-1979).** In: Soraya Barreto Januário; Jorge Knijnik. (Org.). Futebol das mulheres no brasil: emancipação, resistência, equidade. 1ed.Pernambuco: Editora UFPE, 2022, v., p. 378-405.

BRASIL. Ministério da Saúde. **População Indígena – SESAI**. [Brasília]: Ministério da Saúde, 14 nov. 2024. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/sesai_pop_indigena/sesai_pop_indigena.html. Acesso em: 14 nov. 2024.

CHIQUETTO, Rodrigo Valentim. Entre índios e boleiros no Peladão Indígena. **Ponto Urbe** (USP), v. 14, p. 7, 2014.

COSTA, Carlos Eduardo. Futebol em campo, no campo da etnologia: o desporto bretão e a esportividade ameríndia. **REVISTA DE ANTROPOLOGIA**, v. 64, p. 1-23, 2021.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio-Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, n. 22, p. 10-17, 1994.

DRUMONT, Mary Pimentel. Elementos para uma análise do machismo. **Perspectivas**, São Paulo, V.3, p.81-85, 1980.

DUARTE, Danielly Colleti. Protagonismo das mulheres indígenas no espaço de poder: resistência e superação. **MOVIMENTAÇÃO**, v.4, n.6, p. 20-44, 2017.

DUNNING, Erick; MAGUIRE, Joseph. As relações entre os sexos no esporte. ***Estudos Feministas***, v.5, n.2, p.321-348, 1997.

FASSHEBER, Jose Ronaldo Mendonça. **Etno-Desporto indígena**: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Campinas, 2006, 172p.

FERMINO, Antonio Luis. **Jogo de futebol e o jogo de relações entre os Laklãnõ/Xokleng.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2012. 154 p.

GABAS JUNIOR, Nilson. **Karo** [online]. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Karo. Acesso em: 14 nov. 2024.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n.2, p. 143-151, 2005.

GRANDO, Beleni Saléte. **Corpo e educação**: as relações interculturais nas práticas corporais Bororo em Meruri-MT. Florianópolis: Tese (Doutorado em Educação), UFSC, 2004.

JABLONSKI, Bernardo. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 30, p. 262-275, 2010

JANUÁRIO, Soraya Barreto. KNIJNIK, Jorge. **Novos rumos para as mulheres no futebol brasileiro.** In: Soraya Barreto Januário; Jorge Knijnik. (Org.). Futebol das mulheres no Brasil: emancipação, resistências e equidade. 1ed.Recife: UFPE, 2022, v.1, p.434-458.

LABIAK, Fernanda Pereira; LACERDA, Maria do Carmo de Lima Silva; ZWIELEWSKI, Graziele. Influências das construções estereotipadas de gênero na carga mental de trabalho das mulheres. **Trabalho (En)Cena**, v. 8, p. e023027-20, 2023.

LE BRETON, David. **O desaparecimento de si**. Petrópolis: Vozes, 2016.

MARCUS, George E. Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, California, v. 24, p. 95-117, 1995.

MARTINS, Conceição Garcia; LUZ, Nanci Stancki da; CARVALHO, Marília Gomes de. Relações de gênero no trabalho doméstico: pesquisa realizada com mulheres trabalhadoras do IF-SC. **Cadernos de Gênero e Tecnologia (CEFET/PR),** v. Nº: 23, p. 27-36, 2011.

MAUSS, Marcel. **"As Técnicas Corporais"**. In: Marcel Mauss, Sociologia e Antropologia, vol. 2. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MILHOMEN, Sandra Rodrigues da Silva. **Ser mulher indígena**: território, identidade e protagonismo. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território, Araguaína, 2021, 154p.

NASCIMENTO, Ronaldo do. **O futebol Munduruku**: um jogo estratégico nas relações interétnicas e interculturais em Juara-MT. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2015, 153p.

OLIVEIRA, Márcio Romeu Ribas de. **Breves considerações sobre o futebol entre os povos indígenas Karipuna**. In: FRANCO, Marcel Alves; SURDI, Agnaldo Cesar. (Org.). Corpo, Cultura e Educação Física - vol. I. 1ed.Natal: SEDIS/UFRN, 2018, v. I, p. 102-119.

PAIS, José Machado. Nas rotas do quotidiano. **Revista Crítica de Ciências Sociais.** Lisboa, n.37, p.105-115, 1993

PICANÇO, Felícia Silva; ARAÚJO, Clara Maria de Oliveira. Conflitos desiguais: homens e mulheres na articulação casa - trabalho no Brasil. **Século XXI - Revista de Ciências Sociais**, v. 9, p. 720-749, 2020.

RIBEIRO, Fabiana de Fátima Matos Queiroz *et al.* Por que os homens participam menos da divisão do trabalho doméstico? Uma discussão a partir das suas próprias percepções. **E&G - Revista Economia e Gestão**, v. 23, p. 25-40, 2023.

RODRIGUES, Letícia Berloffa. **A prática de futebol entre indígenas de Dourados-MS.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Grande Dourados, Programa de Pós-graduação em História, Dourados, 2014, 112p.

SACCHI, Angela Célia. Mulheres indígenas e organização política: união, luta, força e resistência. **REVISTA ANTHROPOLÓGICAS**, v. 33, p. 164-194, 2023.

SANTOS, Júlia Otero dos. **Sobre mulheres brabas, parentes inconstantes e a vida entre outros**: a Festa do Jacaré entre os Arara de Rondônia. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Brasília, 2015. 338 p.

SCIRÉ, Claudia. Uma etnografia multissituada das práticas populares de consumo. **PLURAL - Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, V. 16, P. 93- 109, 2009.

SILVA, Jeniffer Caroline da. **Bolas, brinquedos e jogos**: Práticas de lazer e futebol na tradição dos Kaingáng da Terra Indígena Xapecó/SC. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa

Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2014. 143 p.

VIANNA, Fernando Fedola de Luiz Brito. **A bola, os "brancos" e as toras: futebol para índios xavantes.** Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. 371p.

VINHA, Marina. **Corpo-Sujeito Kadiwéu**: jogo e esporte. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. 274p.